

**O que gestualidades e visualidades ensinam: reflexões sobre uma etnografia em ambientes educacionais bilíngues com surdos<sup>1</sup>**

**Cibele Barbalho Asensio (Doutoranda - PPGCS/Unifesp)**

**Palavras-chave: surdez, gestualidades, corporalidades**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024). Agência financiadora: Fapesp.

O que a antropologia aprende ao analisar gestualidades e visualidades que se desenvolvem entre pessoas surdas e com pessoas falantes de uma modalidade gestual-visual de comunicação, normatizada sob a forma da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Nas duas últimas décadas, com a Lei de oficialização da Libras (Brasil, 2002) e sua regulamentação (Brasil, 2005), tem se fortalecido um discurso linguístico cultural relativo à surdez, que tem se traduzido/expressado em uma realidade corporal própria que se centra na gestualidade e visualidade. Deslocada da concepção de restrição, de ausência de comunicação (oral-auditiva), aqui a surdez assume também uma marca corporal de pertencimento.

Apesar de a comunicação humana, de maneira geral, ser também caracterizada por gestos, ao fazer esta pesquisa sobre gestualidade e visualidades com surdos usuários de Libras, noto quão pouco eu antes me atentava aos gestos de maneira consciente, pois eles, para mim, eram sobrepostos pela oralidade e audição de maneira muito naturalizada, quase invisível.

Depois de repetidas vezes me deixando afetar por uma primeira impressão que destaca os movimentos das mãos, acerca do gestual-visual, passei a me perguntar sobre as experiências com meus interlocutores de maneira mais situada. Enxergar uma porção de mãos destacadas de toda uma realidade das rodinhas de conversa era provavelmente efeito da minha condição de estranhamento, como usuária de Libras iniciante e não surda. Tudo isso, sem esquecer-me de que lidar com percepção visual não necessariamente correspondia à realidade de todos meus interlocutores, pois, por exemplo, para surdos-cegos, conversar em Libras não é ouvir com os olhos, mas pode ser usar do próprio tatear das mãos para identificar sinais nas mãos daqueles com quem se comunica. A surdez na relação com a Libras é uma experiência relacional e situada.

Ao longo das pesquisas de iniciação científica, mestrado e doutorado, enquanto a comunicação gestual-visual e o universo da surdez se tornavam mais familiares para mim, também passei a notar um certo deslocamento de percepção sobre o que pode ser compreendido como corpo, em termos de funcionalidade e de perspectivas sobre os sentidos.

O deslocamento de perspectiva acerca do que pode ser a surdez por sua vez, no caso do meu campo de pesquisa, vem acompanhado de uma corporalidade que implica um uso específico, gestual-visual do corpo. Além disso, acredito que viver a corporalidade em questão nos desloca da ideia de uso para a ideia de feitura, porque quando preciso perceber algo de uma maneira diferente da qual estou acostumada, vejo no meu corpo emergir uma

outra realidade. Além disso, as possibilidades de expressão, ao se fazerem pouco a pouco, também deslocam minha corporalidade.

Contra uma objetividade científica descorporificada (Haraway, 1995), procuro refletir sobre a maneira como as percepções, considerando também a minha própria, localizam-se diante do recorte que pesquisa e que deslocamentos aconteceram ao longo da minha trajetória e das pesquisas anteriores que a esta pesquisa me trouxeram, considerando que a posicionalidade implica um modo de conhecimento. Essa postura de pesquisa foi ao encontro das estratégias da pesquisa etnográfica que tenho adotado, pois no exercício de uma copresença (Magnani, 2009), de prática contínua, percebo-me implicada na pesquisa e as reflexões próprias da experiência etnográfica, que se dão descontinuamente, são inseparáveis da biografia (Peirano, 1995) e da vivência da pesquisadora.

Quando me iniciei nas pesquisas sobre surdez não tinha familiaridade com esse universo. Pouco conhecia tanto acerca das realidades do não ouvir como das gestualidades e visualidades relativas à Libras. Procurando me familiarizar, passei também a procurar alternativas de comunicação e expressão em meio à pesquisa de campo.

Para mim, que a princípio não me comunicava fluentemente na modalidade gestual-visual, além da presença do intérprete, por muitas vezes foi possível acessar algum nível de comunicação alternativa, tais como: ser compreendida em alguma medida através da leitura labial, ouvir a oralização daqueles que sinalizaram, mas também oralizavam, ou me comunicar por escrito, ainda que frequentemente a ordem das palavras nas frases não fosse sempre idêntica à norma padrão da língua portuguesa, por conta de influências linguísticas da Libras e/ou do próprio desconhecimento da norma padrão da língua portuguesa. Essas nuances fazem pensar sobre a pluralidade através da qual as surdezes se expressam, ainda que meus recortes empíricos de investigação tenham me levado à surdez expressa em termos de gestualidade e visualidade, muito imputada à Libras.

Ao mesmo tempo, atenta ao imperativo clássico da antropologia, do saber dominar o código vigente no ambiente da pesquisa, a atenção à comunicação me levou não apenas a fazer cursos de Libras, mas enquanto fazia isso, passei a tentar compreender as acomodações pelas quais passou meu corpo enquanto me tornava mais hábil às interações da pesquisa.

Enquanto aprendia Libras, descobri que, para dizer meu nome, precisava posicionar as mãos de maneiras padronizadas, correspondentes às letras do alfabeto manual dessa língua.

Com C-I-B-E-L-E, posicionando uma das mãos de forma a performatizar essas letras, uma seguida da outra, eu poderia expressar meu nome. Mas, para além dessa maneira de me identificar, uma das pessoas surdas que eu conheci também definiu um sinal próprio para se referir a mim em Libras, sem precisar usar as letras do meu nome. A Libras não se resume a um fazer de letra por letra correspondente às da palavra que se deseja expressar. Há maneiras de fazer com as mãos que correspondem ao alfabeto, mas, no cerne, há sinais, ou seja, fazeres com as mãos, o corpo até a cintura e o rosto, equivalentes a uma palavra como um todo, que não necessariamente tem relação com as letras. Segundo a pessoa que deu meu sinal me explicou, o sinal que se refere a mim foi definido em referência ao piercing que eu possuía no nariz, na época, em formato de bolinha. Além do nome traduzido da língua oral, na língua de sinais cada indivíduo também tem sua própria nomenclatura viso-manual para se referir a si mesmo e para os outros a ele se referir. É um sinal que não necessariamente se relaciona a seu nome na língua oral, apesar de alguns sinais próprios levarem a mesma configuração de mão correspondente à letra inicial do nome, o que não é o caso do meu sinal. A maneira como se referem a alguém gestual-visualmente é um sinal próprio consolidado nas interações gestuais-visuais, que em geral se vincula a uma característica da nomeada, percebida pelos seus pares, idealmente pelos pares surdos.

De fora, eu inicialmente observava, naquele dia e em outros tantos, sobretudo aqueles em que predominantemente a comunicação é gestual-visual, a gestualidade “encher meus próprios olhos”, afetada por aquela realidade, porque como alguém que não estava acostumada àquela gestualidade, ela me chamava a atenção de maneira muito particular. A particularidade estava neles ou na minha percepção? Antes de haver sinais compreensíveis, para mim, havia gestos que eu nem sempre conseguia discernir, nos termos dos meus interlocutores especialistas no assunto, eles são uma modalidade gestual-visual de comunicação contraposta à modalidade oral-auditiva a qual a maioria das pessoas está mais acostumada.

Um fator que não se pode negar que conta muito para uma primeira impressão encantadora acerca da estética gestual visual em questão é o fato de nossa sociedade (ou a sociedade dita ocidental contemporânea) ser muito atraída pela visualidade e que ela seja, hegemonicamente, extremamente constitutiva das relações. Ainda que não se pense nas línguas de sinais, é fato marcante que signos, além de se articularem em significantes verbais e discursivos implícitos, também se articulam em significantes visuais e é o conjunto desses significantes que constituem (em última análise), o sentido da imagem (Didi-Huberman,

2010). Ademais, o sentido visual é alvo de valorização positiva. A quantidade de estímulo que recebemos cotidianamente nos acostuma a encher os próprios olhos diante daquilo que, enquanto videntes, somos levados a ver.

Nas pesquisas de campo, a visualidade aparecia para mim de mais de uma maneira: para quem acompanha linguisticamente mais “de fora”, como eu fazia a princípio, a mediação visual-gestual/auditivo-oral feita por outras pessoas tornava-se relevante, uma alternativa que me retirava do ponto de vista de um maior estranhamento. Nesse sentido, os tradutores-intérpretes se colocam a meio caminho entre surdos usuários de Libras e não-surdos, enquanto exercitam sua gestualidade e visualidade. “Um dia você vai perceber que sabe o sinal de uma coisa, mas vai ter se esquecido da palavra no português” - disse pra mim certa vez uma colega professora de educação bilíngue para surdos e tradutora-intérprete. Esquecer-se de uma palavra em uma língua e lembrar-se na outra é ter um certo deslocamento de percepção (na memória), mas se esquecer de uma palavra e lembrar-se do sinal dela é um deslocamento de percepção que aciona outras partes do corpo, que organiza nossa gestualidade de outra maneira. Disso, compreendi que há uma questão de língua, mas também algo de sensorial-perceptivo, enquanto eu treinava minha (falta de) agilidade com os olhos e as mãos, tentando estabelecer consonância com minha memória.

Em ambientes que não são dominados pela modalidade gestual-visual de comunicação, mas normativamente feitos para a mediação Libras/língua portuguesa, como foi o caso daquele dia da palestra, é comum a presença de um ou mais tradutores-intérpretes de Libras, que fazem a interpretação Libras-português. Nesse sentido, desenha-se um “jogo de espelhos” (Assis Silva, 2011) entre falantes dessa modalidade gestual-visual e da modalidade oral-auditiva. Esse é um dos formatos, não o único, que favorecem uma das disposições corporais que abordo.

Saindo uma perspectiva de atenção à dinâmica de interpretação para uma perspectiva de falante de Libras, passei a me atentar a elementos que eram menos visíveis para mim. A realidade do corpo implica em uma *certa visão*. Ao reparar nas possibilidades comunicativas e de sentido que se apresentavam no campo, passei a ter uma curiosidade antropológica com uma dimensão mais cotidiana ou mais ordinária. Durante a pesquisa de mestrado, meus principais interlocutores eram sujeitos considerados lideranças surdas, pessoas que de maneira exemplar performatizavam e que contribuíram para que, pouco a pouco, eu

percebesse que havia uma particularidade naquela comunicação. O quanto ela expressava possíveis heterogeneidades do campo? Quem pertence a realidade gestual-visual da Libras?

Passei a me engajar menos nos eventos formais e de interlocutores privilegiados com os quais havia feito pesquisa durante o mestrado, e mais de pessoas surdas com diferentes repertórios, algo que ainda não era acessível pra mim. Seria possível acessar situações de fluidez comunicativa gestual-visual, ou da qual fizessem parte não apenas sujeitos que se destacam como representantes da comunidade surda, mas também lidar com uma variedade de outras pessoas, com diferentes trajetórias? Ou mesmo pessoas que mostrassem as possíveis nuances dentro daquilo que eu me sentia capacitada a ver? Dentro de um ambiente de comunicação mista, tal como foi a palestra mencionada, com várias pessoas que ouvem e que contam com tradução-interpretação Libras/língua portuguesa, para mim, passava mais despercebido o pensar sobre como foi aprendida aquela gestualidade com a qual eu estava tendo algum contato. Quão naturalizada parece aquela comunicação a ponto de pouco nos fazer pensar sobre isso ou, para mim, quão pronta ela chegava até mim, por haver uma tradução-interpretação?

A experiência que obtive como professora de escolas bilíngues para surdos possibilitou a formulação dessas questões que não se encerram no aspecto discursivo, sobre o qual eu havia atentado durante o mestrado, mas que se referem ao corpo surdo na sua relação com o ambiente escolar, pois as escolas especializadas no ensino de surdos, pelo aprendizado da gestualidade e visualidade da Libras são de maneira privilegiada lugar onde não necessariamente se chega sabendo se comunicar, mas há uma reunião entre pares surdos.

O fato de mais de 90% dos surdos nascerem em famílias de ouvintes, somado à circunstância de tais famílias geralmente não terem fluência em Libras, coloca em questão que tipo de formação seria esta, no sentido de uma educação corporal, para além da transmissão de conteúdos.

Apesar do encontro entre corpos surdos ser algo notável em espaços públicos variados, tais como eventos que contam com a presença de tradutores-intérpretes de Libras, espaços religiosos, de representação política ou ainda espaços de sociabilidade, a escola tem a especificidade de ser necessariamente um lugar de formação, no sentido mais formal. O fato da imensa maioria dos surdos nascerem em famílias de ouvintes soma-se à circunstância de tais famílias geralmente não terem fluência em Libras, coloca em questão que tipo de

formação seria esta, no sentido de uma educação corporal, para além da transmissão de conteúdos.

Considerando que o exercício de estranhamento é parte do trabalho da antropóloga, começo procurando distanciar-me da perspectiva da Libras, e da própria habilidade gestual, bem como alternativas sensoriais e comunicacionais diante do não ouvir, como dadas a priori, naturalmente. E os esquemas de percepção que a envolvem, tendo sido aprendidos, também podem ser objeto de reflexividade nos processos em que são corporificados.

Ao explorar questões acerca da construção social do corpo surdo, busco avançar analiticamente na premissa já adotada por outras pesquisas antropológicas mais atuais do campo da surdez, e que também endosseï na minha dissertação de mestrado. Ou seja, de que relações entre os sujeitos que não ouvem e a comunicação em sinais não devem ser concebidas como um dado a priori (Assis Silva, 2012; Carniel, 2013; Assênsio, 2015). No caso da surdez, como as construções da habilidade gestual e visual se materializam no corpo surdo? A escola se mostra como recorte empírico relevante para pensar uma antropologia de corpos surdos.

Uma concepção comum às várias abordagens antropológicas sobre o corpo, desde as clássicas, é a de pensá-lo como uma construção social e cultural, e não como um dado natural (Maluf, 2000, Sarti, 2010). Para além do biológico, o social cria o corpo (Viveiros de Castro, 1986; Sarti, 2001). No caso da surdez em termos de gestualidade e visualidade, há uma dimensão criativa que se apresenta imbricada à comunicação na língua de sinais. Trata-se de um exercício de percepção em que se lida com o não ouvir e que faz o corpo em suas possíveis expressividades:

As maneiras de se servir dos próprios corpos, que perpassam a noção de técnica corporal, referem-se a atos tradicionais, eficazes, que pressupõem uma educação do corpo (Mauss, 2003). Essa chave teórica clássica enquadra os atos na dimensão de fenômenos sociais, da ordem do aprendido e adquirido: os comportamentos corporais são construídos pela vida social, ao mesmo tempo em que não há técnica, bem como não há transmissão, se não houver “tradição” (p. 407). Mauss (2003) concebeu as técnicas corporais como montagens físico-psico-sociológicas de série de atos habituais montados pela autoridade social e para ela. Mas pode ser bastante controversa a maneira como se desenha tal autoridade no caso da comunicação em sinais. Há de se considerar o papel tradicional da escola (e dos professores), mas também as próprias marcações que distinguem i) surdos, cuja língua

materna é viso-manual e ii) ouvintes cuja língua materna é oral-auditiva. Como essas marcações corporalmente se tornam possíveis? Elas sempre são dicotômicas? Como e por onde nos comunicamos? Ou, até que ponto nos comunicamos?

A atenção à dimensão experiencial é algo que deve ser combinado com a própria consideração apontada por Louro (2007), de que a interferência sobre o corpo exercida pela instituição escolar pode ser realizada não apenas pelo controle disciplinar da instituição, mas também pelos próprios alunos por meio de suas práticas, as quais, por sua vez, podem alterar a disposição formal do ambiente escolar (Pereira, 2010). Trata-se uma feitura corporal contra hegemônica, à medida que se faz em um mundo predominantemente oral-auditivo, repleto de uma imensa maioria de escolas que se referenciam em uma forma de comunicação que pressupõe certa funcionalidade do ouvido.

Ponto importante a destacar aqui é a reivindicada completude da língua de sinais em ambientes que assim são concebidos. Venho percebendo que quando os sinais são a norma, o oral-auditivo para pessoas surdas tem sido a margem. No registro do oral-auditivo a leitura labial, que também envolve visualidade, se torna uma possibilidade para quem é hábil nela. Ainda, a linguagem escrita não tem deixado de ser uma possibilidade, entre as várias possibilidades comunicativas. Apesar de que esta última é mais formal, “mais fria” nas interações presenciais, quando precisamos mostrar uns/umas aos/às outros/outras papéis com grafia ou uma digitação feita em um celular, por exemplo. Toda essa articulação entre possibilidades comunicativas diferentes para mim ainda viria a mostrar outras sutilezas que pretendo retomar mais adiante.

Depois de já ter uma certa vivência em ambientes de educação bilíngue para surdos formados por escolas especializadas no ensino de surdos, passei a me interessar também por ambientes mistos.

As atividades que eu havia desenvolvido, de ensino de Libras para estudantes ouvintes de Ensino Superior contribuíram para me motivar à investigação também de ambientes escolares mistos, ou seja, de estudantes surdos e ouvintes dividindo uma mesma sala. A gestualidade e a visualidade que eu me propunha a pesquisar com surdos se colocava como questão também para pessoas ouvintes. Eu mesma, através da minha experiência como professora ouvinte, dividindo salas de aula com estudantes surdos, notava em meu próprio corpo indícios desse fato. Dado que a realidade bilíngue também existe em escolas regulares, as quais inclusive têm sido denominadas por alguns especialistas como escolas inclusivas



bilíngues, esse formato de instituição também passou a me interessar como possibilidade de pesquisa.

Estar também em espaços educacionais com presença concomitante de estudantes surdos e não-surdos, como acontece no recorte da escola inclusiva, tem ajudado a pensar a corporificação da surdez na relação com pessoas não-surdas. A dimensão do corporalmente sensível é bastante pertinente nesse âmbito, mas o aspecto narrativo/discursivo também se destaca. “Minha filha estuda aqui porque o mundo não é só de pessoas surdas”, comentou uma das mães ouvintes em encontro escolar da escola inclusiva. Trazendo para o aspecto corpóreo no qual se detém a pesquisa, de fato, a surdez corporificada não se faz só do não ouvir, porque na maioria dos casos a própria família de indivíduos surdos é formada por pessoas não surdas, assim como o ambiente dos intérpretes e por aí vão outros e outros exemplos possíveis. Diferentemente de um entendimento mais simplista de produção de alteridade, acredito que pensar com essa realidade da surdez não é exatamente como estar em “outro mundo”, porque ao mesmo tempo em que se tecem as diferenças também estamos submetidos a fenômenos gerais e eles se articulam com a surdez e impactam nas suas formas de expressão.

Na revisão de literatura sobre o tema surdez, três observações críticas são bastante oportunas acerca da oposição surdo/ouvinte e das questões relacionadas ao poder disciplinar. Primeiramente, pesquisas que demonstram a dimensão construída e aprendida da surdez em termos de gestualidade e visualidade tendem a vê-la como uma produção discursiva, bem como efeito de saber e de poder (Assis Silva, 2012; Carniel, 2013). Entretanto, deixaram em aberto a possibilidade de analisar a dimensão construída da própria perspectiva biomédica na relação com a comunicação gestual-visual, sobretudo em seu aspecto corporificado. Ou seja: não se trata de uma oposição do tipo i) oral-auditivo (mundo ouvinte) como biopolítico e ii) gestual-visual (mundo surdo) livre dessa perspectiva.

Em segundo lugar, a abordagem do corpo surdo estritamente sob o viés dos mecanismos de disciplinamento apresenta o risco de colocá-lo como passivo em relação ao poder, superdimensionando a sujeição do corpo. Ou então, tende a tratá-lo como fonte de uma resistência natural espontânea em relação ao poder (Maluf, 2002). Apesar de haver registros escolares de comunicação em sinais desde ao menos o século XVIII, essa comunicação se manteve historicamente à margem dos poderes pedagógicos que impunham a comunicação oral-auditiva (Benvenuto, 2006) e sua existência foi interpretada, na chave foucaultiana,

como forma de resistência (Veiga-Neto, 2005; Vieira-Machado, 2018). Até o momento pouco foi discutido sobre que corporalidade emerge da institucionalização do bilinguismo para surdos, em termos da experiência perceptual que emerge da relação entre corpo e seu ambiente escolar disposto para a gestualidade e visualidade.

Em terceiro lugar, o ônus de uma perspectiva homogeneizadora é flagrante quando se reitera discursivamente uma visão dicotômica entre as categorias surdos e ouvintes. Tende-se a negar a existência de uma cultura surda ou naturalizá-la, desconsiderando as experiências dentro das salas de aula. Apesar dessas problematizações terem recebido algum reconhecimento em sua complexidade entre autores dos denominados Estudos Surdos, a exemplo de Thoma e Klein (2010), quando ocorrem, elas têm se localizado mais na perspectiva de trajetórias e dos movimentos sociais.

Há uma realidade ampla e heterogênea dentro das possibilidades desse labor corporal que se configura como diferença linguística e cultural. Há surdos que chegam na escola, na adolescência, não sem expressividade ou percepção (pois de alguma maneira eles se expressam e algo eles percebem de seu entorno), mas em alguns casos, sem saber nem libras nem português e, assim, são considerados desviantes dentro do próprio universo da surdez que é gestual e visual. Dentro de um quadro de possibilidades múltiplas, são colocados em de um padrão, mas vivem experiências variadas. A gestualidade e a visualidade dialogam com a singularidade da surdez, de modo que se alimentam pelos diversos outros aspectos de vivência.

A deficiência transforma o corpo, não por uma questão de essência/por se tratar de um atributo intrínseco ao corpo, mas por aquilo que dela se faz no horizonte de possibilidades presentificadas. Olhos que não enxergam transformam o corpo de quem não enxerga (Von der Weit, 2017). A condição do ouvido transforma o corpo de quem não ouve. Com base na minha experiência de campo, eu acrescentaria que, em contato com outros corpos, tal como figura e fundo, em contato com a diferença marcada pelo não ouvir, ela também transforma o corpo de quem ouve, não no sentido de fazê-lo deixar de ouvir, mas à medida que constitui experiências que envolvem o não ouvir.

Para mim, houve que reconhecer uma certa ignorância da minha parte e há que se reconhecer uma certa ignorância da antropologia com relação ao tema deficiência, ainda que sejam crescentes observações e análises que nos deslocam do lugar em que já nos encontramos antes acerca das nossas percepções sobre esses corpos, a exemplo de Mello

(2019), que discute as implicações da surdez no trabalho antropológico. Possibilidades podem vir a se abrir quando pessoas com deficiência, com suas condições corporais e perceptivas, fazem antropologia. As corporeidades, nas múltiplas maneiras que se apresentam, com nossos múltiplos posicionamentos, dependendo de quem pesquisa, tem seus efeitos na escrita etnográfica (Nascimento, 2019). Assim, antropólogos/as experienciando as possibilidades que se abrem quando se estabelece relações em que perpassa a deficiência também podem contribuir para as aberturas de possibilidades, no sentido de reformular aquilo que se entende por corpo .

## Referências Bibliográficas

ASSÊNSIO, Cibele Barbalho. **Comunidade surda: notas etnográficas sobre categorias, lideranças e tensões**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015.

ASSIS SILVA. **Entre a deficiência e cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

\_\_\_\_\_. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo, Terceiro Nome, 2012.

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União, Brasília**, DF, 25 abr. 2000.

\_\_\_\_\_. **Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BUENO, José Geraldo Silveira. Surdez, linguagem e cultura. **Cad. CEDES** [online]. 1998, vol.19, n.46, pp.41-56. ISSN 1678-7110.

CARNIEL, Fagner. **A invenção (pedagógica) da surdez: sobre a gestão estatal da educação especial na primeira década do século XXI**. 2013. (Tese) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CSORDAS, Thomas J. **The Rhetoric of Transformation in Ritual Healing**. *Culture, Medicine and Psychiatry* 7:333-375, 1983.

\_\_\_\_\_. **Embodiment as a Paradigm for Anthropology**. *Ethos* 18(1):5-47.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia cultural corporeidade: agência, diferença sexual, e doença**. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 3, p. 292-305, set./dez. 2013.

FERRARI, Carla Cazelato. **Surdez, cultura e identidade**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2017.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n.5, p.07-41, 1995.

INGOLD, Tim "**Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**". Horizontes Antropológicos, v.18, n.37, 2012, p.25-44.

KARNOPP, L. B.; LOPES, Maura Corcini. Os surdos aprendem melhor nas escolas para surdos ou nas escolas regulares?. **Pátio: Ensino Fundamental**, Grupo A, Porto Alegre, RS, p. 42 - 45, 28 fev. 2014.

LEROI-GOURHAN, André. (1965). **Le geste et la parole: technique et language**. volume I, Paris: Albin-Michel

LOPES, Pedro. Deficiência como categoria analítica: Trânsitos entre ser, estar e se tornar, **Anuário Antropológico** [Online], I | 2019, posto online no dia 06 julho 2019, consultado no dia 23 setembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/aa/3487> ; DOI : 10.4000/aa.3487.

\_\_\_\_\_. Deficiência na cabeça: convite para um debate com diferença. Espaço Aberto. **Horizontes Antropológicos**. 28 (64). Sep-Dec, 2022

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.  
MAGNANI, J. Guilherme C. "Vai ter música?: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo". **Revista PontoUrbe**, n. 1, p. 1-21, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 17, n. 49, p. , 2002.

MALUF, Sônia W. **Corpo e Corporalidade nas culturas contemporâneas: Abordagens antropológicas**. In: Esboços: Revista do programa de pós graduação em história da UFSC. Nº 9. Chapecó: UFSC, 2002.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. 2012. **Gênero e deficiência: interseções e perspectivas**. Revista de Estudos Feministas, v. 20, n. 3, pp. 635-655.

\_\_\_\_\_, Anahi Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue**. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa (Tese). Florianópolis, 2019. MOTTEZ, Bernard. **Les Sourds existent-ils?** Textes réunis et présentés par Andrea Benvenuto, Paris, L'Harmattan, 2006.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.  
PEREIRA, Alexandre Barbosa. "**A maior zoeira**": experiências juvenis na periferia de São Paulo. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

SARTI, Cynthia. Corpo e doença no trânsito de saberes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol.25 nº24 p.77-90.

\_\_\_\_\_. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade** 10 (1):3-13, 2001

STOLZE LIMA, Tania. O que é um corpo? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 22(1): 9-20, 2002.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**, 1994.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Arawete: Os Deuses Canibais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores/Anpocs. 1986.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 2 ed. Belo Horizonte:Autêntica, 2005.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 42, p.565-606, 2009.

\_\_\_\_\_. **Educação de surdos e preconceito: bilingüismo na vitrine e bimodalismo precário no estoque**. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

